

A AULA DE CAMPO COMO ELEMENTO CONSTITUTIVO DE UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL TRANSVERSAL

Henrique Amaral Reis
hamaralreis@yahoo.com
UNIFOA – MECSMA

Rosana Ravaglia
rosana.ravaglia@aedb.br
UNIFOA - MECSMA / AEDB

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo fazer uma análise dos benefícios e potencialidades das práticas de aula de campo, enquanto instrumentos de ensino à disposição da educação ambiental, apresentando vantagens que esta forma de trabalho possui na busca por um ensino interdisciplinar, em consonância com as metas atuais da educação, pautadas pelo desejo de se obter um modo de ensino mais integrado, que articule as diferentes áreas de saber que em seu conjunto constituem a nossa complexa realidade. São postos em observação os resultados de trabalhos em campo cujas metas são a construção de um conhecimento crítico e reflexivo, por parte dos estudantes, tornados agentes da formação do próprio saber, ao interagirem com os elementos de seu estudo e descobrirem, por si mesmos, a riqueza do mundo que os envolve, neste caso em particular, o mundo natural e suas variadas manifestações, bem como os modos pelos quais o ser humano interage e interfere com eles. Procuramos, em nosso trabalho, o desenvolvimento de uma atividade cuja meta final fosse um ensino pautado pela transversalidade, tão necessária e tão fugidia nas práticas docentes, e cremos no imenso potencial do trabalho de prática de campo para a obtenção deste resultado, pois ele possibilita a integração de diversas áreas de pesquisa, mediadas e interconectadas por um eixo comum de atividade, o que em síntese, constitui a construção de saberes complexos e significativos para os alunos.

Palavras – Chave: educação; transdisciplinar; natureza; conhecimento.

1. INTRODUÇÃO

Estamos agora em um mundo no qual, cada vez mais, as demandas por conhecimentos e práticas relacionadas à sustentabilidade irão aumentar, juntamente com a complexidade das relações humanas para com o meio ambiente e sua própria realidade social. Diante deste quadro, parte-se do princípio de que por meio de práticas educativas voltadas à compreensão destas relações pode-se alcançar o – tão desejado – objetivo de uma sociedade mais pautada pela busca de relações sócio-ambientais mais harmônicas.

Tendo-se em vista tal objetivo, nossa “aposta” é a de que a variedade de métodos educacionais constitui maneira eficiente de se atingir e motivar os educandos, pois assim, os temas a serem estudados podem ser abordados de diferentes perspectivas, com diferentes enfoques, possibilitando uma compreensão mais ampla do objeto de estudo; neste contexto, trabalharemos a abordagem da aula de campo.

Um primeiro aspecto interessante nesta forma de trabalho, é que ela permite aos estudantes uma verdadeira imersão naquilo que se está em estudo, no caso, as várias relações ambientais (bióticas e abióticas) existentes em um meio, bem como as interações deste mesmo meio com as atividades antrópicas. Este “mergulho” no objeto de estudo rompe com o aprendizado excessivamente teórico, e por assim dizer, virtual, advindo das tradicionais explicações em sala, que evidentemente são muito importantes, mas podem ser suplementadas por um trabalho de campo que dê vida à teoria.

Em nossas experiências com trabalho de campo, pudemos constatar que a interatividade dos alunos com os elementos ao seu redor é um poderoso estímulo à sua vontade de conhecer e participar mais dos estudos relacionados aos temas abordados no trabalho de campo em si. Tal entusiasmo pode ser bem aproveitado na prática pedagógica, e seria de fato, lastimável desperdiçar um recurso como este.

A própria saída temporária do ambiente tradicional da sala de aula gera uma quebra positiva na rotina do trabalho educativo, rotina esta que pode vir a se tornar desestimulante, quando os alunos enxergam o que deveria ser seu aprendizado como sendo apenas uma sucessão de conteúdos, por vezes repetitivos e aparentemente desprovidos de aplicação em suas vivências cotidianas. Ao experimentar, “in loco”, o encontro desta teoria com seu funcionamento ou aplicação efetiva, o aluno pode constatar que o conhecimento que adquire é algo integrado ao mundo em que vive, e no qual atua.

Ainda no tocante à esta interação com o mundo real, os aprendizes possuem, em trabalhos de campo uma boa oportunidade de constatar também como os atos humanos, conscientes ou não, interferem com o mundo natural, podendo perturbá-lo ou auxiliá-lo. Isto é bastante útil para que desenvolvam a compreensão de que não são, eles próprios, expectadores passivos da realidade que os cerca, mas agentes ativos dela, e assim, suas ações e omissões terão, sempre, algum impacto em sua existência. Trabalha-se assim a dimensão do estudante enquanto sujeito ativo na construção da própria realidade sócio – ambiental, mostrando-lhe que não está apenas no mundo, mas também o construindo.

O presente artigo tem como objetivo abordar as vivências obtidas de atividades em campo em áreas de manutenção de recursos naturais e nas quais se desenvolvam atividades humanas que estejam em interação direta com estes recursos, tais como reservas florestais, parques e, sobretudo sítios, a fim de se avaliar os ganhos e reais benefícios experimentados por educadores e estudantes em tais experiências.

Observamos que as vantagens advindas destas atividades justificam, sobremaneira, sua realização, pois obtivemos bom retorno dos alunos participantes, na forma de perguntas que demonstravam grande curiosidade sobre as atividades desenvolvidas, pedidos de novas excursões, compreensão dos temas trabalhados (o que pôde ser aferido em questionários e avaliações posteriores à atividade), e ainda, a constatação de que os participantes destas aulas extraclasse demonstram, no decorrer do ano letivo, mais facilidade para visualizar e compreender os conteúdos que estudam, quando estes podem ser relacionados ao que experimentaram em campo.

2. A IMPORTÂNCIA DA TRANSDISCIPLINARIDADE

Como fundamentação para este modelo de trabalho, temos as concepções legadas por autores como Paulo Freire e Celestin Freinet, que deixaram valiosas contribuições no campo na educação, especialmente no que diz respeito à uma didática onde o educando também é agente do próprio aprendizado, participando ativamente da construção do próprio conhecimento. Freire nos deixou a noção de que um processo educativo deve, antes de tudo,

contribuir para a conscientização do aluno, isto é, fazê-lo compreender a realidade da qual faz parte e a partir daí poder trabalhar nela, até para alterá-la.

De acordo com Freinet, o trabalho, ou seja, a atividade é o que orienta a prática escolar e o objetivo da educação é criar cidadãos para o trabalho livre e criativo, que passam a transformar o meio e faz a emancipação de quem o exerce. Dentre as técnicas que elaborou para atingir este objetivo está a ideia de “aula – passeio”, que aproveita a vivacidade e energia das crianças quando ao ar livre, para a aprendizagem.

Este processo mostra-se especialmente produtivo quando aplicado aos estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental, pois estão no momento da construção de sua visão de mundo, ou seja, da formação dos conceitos e valores que nortearão suas posturas de vida pelos anos vindouros. Ademais, também estão em período em que sua curiosidade sobre o funcionamento de tudo o que os cerca está bastante ativa, sendo pois, momento ideal para familiarizá-los com práticas pedagógicas que desenvolvem sua interação com os elementos do universo natural.

Um outro ganho das práticas de campo é a conjunção de duas propostas importantes à educação, no contexto da contemporaneidade; a oportunidade de se trabalhar a educação ambiental e a proposta de ensino transversal. Em se tratando do estudo do meio ambiente, diversas áreas ou campos de estudo podem ser contemplados, pois por sua própria natureza ele abarca conhecimentos de Geografia, Biologia, Química, Geologia, História, dentre outros possíveis, integrando-os em uma só realidade mais completa, e complexa.

Ademais, a própria legislação educacional determina para o ensino fundamental a busca por este tipo de ensino, uma vez que a LDB (lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/1996) confere à educação um caráter bastante abrangente, tendo o dever de desenvolver não apenas conhecimentos, mas valores para a cidadania e a capacidade de entender e interagir com o mundo contemporâneo, necessidades a serem supridas pelos sistemas de ensino do país, e para tanto, são incentivadas a busca e a criação de métodos, técnicas, atividades e quaisquer outros meios que possam gerar um ensino pluralista, socialmente relevante e que de fato capacite os educandos para a vivência do mundo, o que podemos interpretar como sendo, de fato, transversal, (ainda que este conceito permita diferentes abordagens, justamente por sua amplitude). Desse modo, ao propor uma atividade extra – classe com caráter integrador de disciplinas, e capaz de trabalhar temas complexos (como sustentabilidade, uso de recursos naturais, direito ao uso de recursos, preservação, condições socioeconômicas de comunidades diversas, dentre outros), se está, em realidade, criando um recurso pedagógico que permite a implementação de uma determinação legal, além de ser um acréscimo ao repertório de opções educacionais do qual dispomos para atingir nossas metas, em se tratando de educação fundamental.

Podemos assim realizar um trabalho em consonância com as necessidades e premissas atuais de uma sociedade que busca aprimorar-se pelo conhecimento, adequando suas propostas educacionais, em face aos novos desafios da modernidade.

Acreditamos que estes trabalhos sejam de grande potencial para uma aprendizagem ambiental, verdadeiramente significativa e transversal, e que por assim ser, merecem fazer parte de uma política de ensino, que lhes garanta a continuidade e aprofundamento, Tendo as práticas de campo como ferramenta, cremos ser possível nos aproximarmos destas metas da educação, neste novo período histórico em que adentramos, marcado por tantos desafios, mas também muitas possibilidades.

3. DISCUSSÃO

Como argumento a favor do desenvolvimento desta proposta de trabalho afirma-se que ela está inserida em uma nova visão de educação (e de consciência sócio-ambiental) que tem ganhado espaço na produção acadêmica nacional, como o demonstram a existência de diversos trabalhos, tais como dissertações de mestrado, teses de doutorado, monografias de especializações e ainda projetos de instituições educacionais, todos voltados a proposta do uso de modelos de trabalho de campo com objetivos pedagógicos, de conscientização ou ainda, inclusão social por meio da criação de um vínculo de conhecimento entre os participantes destes projetos e a realidade em que vivem.

São estudos variados, com abordagens que ora pendem para uma formação educacional em sentido mais amplo (como a educação ambiental de jovens e crianças), ora procuram realizar um trabalho mais especializado, tendo em vista um estudo de impactos ambientais, ou uma compreensão mais aprofundada a respeito de uma área ou comunidade específica. Em todo caso, têm-se a evidente constatação de que a educação que objetive a compreensão e consequente conservação do meio ambiente, bem como a criação de relações humanas mais racionais com o mesmo, constitui preocupação essencial da educação no mundo contemporâneo, e as diferentes abordagens de trabalho de campo são vistas, por diversos autores, como ferramenta muito útil, quando não imprescindível, nesta tarefa educacional.

Costa (2011a), apresenta exemplo de pesquisa realizada junto aos estudantes do ensino fundamental (Escola Casa dos Girassóis, na cidade de Piraquara, Paraná), analisando como a prática de aulas de campo junto à natureza contribui para a formação das crianças, ajudando-as a criar uma relação mais íntima e saudável com o ambiente natural que vão descobrindo.

Esta pesquisa também revela o valor do conceito de Freinet de que o estudante é agente central da construção de seu próprio saber, especialmente a criança, que experimenta o prazer da descoberta como forma de aprendizado, construindo para si uma visão própria bastante prática (e por assim dizer, íntima) do meio que analisa, neste caso, a natureza, vista de perto, revelando seus segredos e belezas para mentes jovens e curiosas, que por isso mesmo estão ávidas de informações que lhes tragam significados novos ao que já conhecem e ao que acabam de descobrir no e sobre o mundo. Ao conjugar o desejo de descobrir da criança com a oportunidade de estar ao ar livre, interagindo com o meio natural, criou-se oportunidade ímpar de se criar conhecimentos, cuja construção e aquisição tornaram-se prazerosas, fruto da própria experiência e atividade do educando.

As observações desta autora apontam para a eficiência deste tipo de trabalho junto aos jovens alunos, que podem ter uma experiência participativa de educação ambiental, trabalhando sua sensibilização para com a natureza e estimulando sua busca (consciente e intencional) por conhecimentos e compreensões do mundo.

Em nosso próprio trabalho de campo pudemos observar como os jovens alunos de diversas faixas etárias, mas, sobretudo das séries iniciais do ensino fundamental, são fortemente influenciados, e por que não dizer, positivamente impressionados, pelo que têm oportunidade de vivenciar, revelando genuínas manifestações de espanto, admiração, surpresa e mesmo alegria frente às descobertas que fazem, o que demonstra que estão a experimentar prazer no ato de aprender, e isto lhes torna este ato muito mais significativo e menos propenso a ser esquecido ou menosprezado.

Com uma abordagem e um público alvo significativamente diferente, temos também o trabalho de Menezes Filho (2010). O autor desenvolve pesquisa que busca integrar o trabalho do Botânico e Paisagista francês Auguste François Marie Glaziou, mais especificamente seus jardins, integrantes do espaço da Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro,

aos conceitos já mencionados da aula – passeio de Freinet. Seu objetivo mais específico é valer-se da dinâmica das aulas – passeio, utilizando o ambiente físico dos jardins de Glaziou, em trabalho voltado aos visitantes do espaço histórico e cultural da Quinta da Boa Vista, com o fim último de proporcionar uma popularização de conhecimentos científicos – sejam botânicos, históricos, referentes a paisagismo, ou outros – ao público, bastante diverso, desta instituição cultural.

Vê-se aqui um exemplo da diversidade de abordagens possível de ser realizada com o trabalho de campo, pois temos um trabalho voltado ao grande público, sem tanta distinção de idade, classe ou formação específica, cuja meta é permitir um aumento do conhecimento geral deste mesmo público, em aspectos relacionados às áreas diversas do conhecimento científico, bem como um esforço de preservação do patrimônio histórico, paisagístico e cultural da cidade, pelo enriquecimento de informações referentes a ele, sensibilizando o público para sua existência e conservação.

Retornando a dinâmica do estudo formal propriamente dito, vejamos Costa (2011b). Ainda que neste trabalho o autor faça a análise das práticas docentes referentes a educação ambiental, sem entrar no mérito específico das atividades de campo, ele aborda questões caras à este artigo: a de que a educação ambiental constitui ferramenta para se obter um estudo baseado na *interdisciplinaridade*, (ainda mais tendo em vista as determinações das diretrizes curriculares nacionais, que reafirmam a importância de uma educação abrangente); e que ela também é de grande valia na formação do senso de cidadania dos alunos, isto é, a construção dos conhecimentos em educação ambiental, leva a formação de uma consciência de interação com o ambiente natural e social no qual se vive, auxiliando a criação de noções de valorização destes mesmos ambientes e do senso de responsabilidade e participação que cada um deve possuir neles.

Em outro contexto regional, mas mantendo as mesmas premissas de investigação, nos deparamos com a pesquisa de Llerena (2009). Ele, apresenta o estudo de diversas atividades realizadas em escolas públicas de João Pessoa, sobretudo atividades extraclasse, cuja meta era melhorar o conhecimento dos alunos acerca dos problemas sociais e ambientais urbanos existentes na cidade, e quais eram as diferentes realidades e questões vivenciadas pelas comunidades nos quais se inseriam diretamente estes problemas.

Em suma, o texto nos apresenta o valor da educação para a compreensão dos problemas ambientais de uma sociedade urbana, destacando-se a noção de segurança sócio – ambiental, e a valorização da vida e dos integrantes desta sociedade, sendo ela, portanto, ferramenta para a formação da cidadania.

Dando continuidade à nossa busca, e de acordo com Viveiro e Diniz (2009) temos exemplo em que eles expõem uma bem elaborada perspectiva acerca dos trabalhos de campo como sendo uma estratégia de ensino, cheia de potencial e vantagens, mas que, como qualquer estratégia educacional, precisa ser bem pensada e elaborada antes de ser posta prática, a fim de se evitar erros de abordagem que a descaracterizem enquanto prática educacional, reduzindo-a a mera atividade “lúdica”, ou a simples “passeio” sem finalidade de aprendizagem.

Seu objetivo foi o de demonstrar os enormes benefícios das práticas de campo para o estudo, de forma a valorizar a interdisciplinaridade (é bastante frisado o benefício de se trabalhar com vários professores na mesma prática), apontando, com destaque, seu valor para a educação ambiental, salientando a importância de todas as fases de execução da atividade, do planejamento e angariação de recursos até sua execução propriamente dita (saída a campo) e a exploração e avaliação dos resultados obtidos.

Da mesma forma, nossa atividade em campo procurou valorizar o máximo possível a variedade de temas e assuntos que podem ser associados ao tema geral da sustentabilidade, no âmbito da educação ambiental. Trabalharam-se questões referentes aos recursos hídricos e sua utilização, aos métodos de uso do solo e dos danos a ele causados por técnicas inadequadas de manejo, a importância da preservação da variedade de espécies devido à interdependência de todas elas, a busca por atividades que possam utilizar-se do patrimônio natural sem destruí-lo, enfim, buscamos abarcar várias temáticas, com o auxílio de colegas professores de diferentes disciplinas, de modo a podermos enriquecer a atividade como um todo, e também transmitir a noção de “conjunto integrado” da natureza, e não uma estrutura com compartimentos estanques que poderiam funcionar – ou serem compreendidos – em separado.

Por fim, Silva (2008), nos remete ao fato de que estando em um mundo em contínuo processo de transformação, os paradigmas da educação precisam ser também modernizados, se se pretende construir uma sociedade mais justa e democrática. E a educação ambiental, em suas diversas formas, que por sinal ainda estão em processo de construção, já que o próprio conceito de educação ambiental é relativamente recente – é indispensável neste processo de reconstrução de paradigmas e estratégias de construção social pela educação.

4. CONSIDERAÇÕES

Todos estes trabalhos constituem amostras da importância, potencial e abrangência das práticas de educação ambiental, com destaque para a estratégia do trabalho de campo como ferramenta educacional. Acreditamos na interação prática entre aquele que estuda com seu objeto de estudo, como sendo meio dos mais eficazes para um aprendizado verdadeiramente relevante, no sentido de construir valores e noções, não apenas do que foi estudado, mas também acerca do próprio ato de estudar e descobrir, criando hábitos positivos, sobretudo nos jovens.

Também defendemos a noção de que se faz necessário o desenvolvimento de uma visão integradora do meio ambiente, no sentido de compreendê-lo como uma estrutura bastante complexa e simultaneamente delicada, cuja preservação e manutenção adequados dependem, antes de mais nada, desta boa compreensão sobre eles, que pode – ou deve – vir de uma educação que saiba interpretá-lo e valorizá-lo. Neste âmbito, é ainda importante lembrar que esta integração inclui a nós mesmos, sendo elementos integrantes do mundo como somos, e sempre sensibilizando os educandos para o fato de que são nossas ações que definem a qualidade do meio em que estamos.

Com diversos exemplos de trabalhos realizados, em diversas áreas e momentos, temos a convicção de que as práticas de trabalho de campo são parte de uma proposta de trabalho válida e eficiente, quando bem conduzida, e que por meio delas só temos a ganhar, alcançando resultados positivos na, mais do que urgente, tarefa de se desenvolver uma educação ambiental de qualidade, necessária a uma sociedade que se apercebe das fragilidades de que é possuidora em se tratando de recursos naturais e equilíbrio dos sistemas que nos mantêm vivos, e que desperta para a questão da sustentabilidade, enquanto revê seus modos de vida.

5. REFERÊNCIAS

COSTA, Marianna da Cunha Canova. Freinet: Suas Contribuições ao processo de Sensibilização Ambiental, Em Especial a “Aula das Descobertas”. 2011a. 103 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de pós Graduação do Setor de Educação. Universidade Federal do Paraná, 2011.

COSTA, Paulo Rodrigues. Educação Ambiental no Ensino Médio: uma análise da prática docente em uma escola estatal de Belém – Pará. 2011b. 144f. Dissertação (Mestrado) – Universidade da Amazônia.2011.

DINIZ, Alessandra Aparecida; VIVEIRO, Renato Eugênio da Silva. Atividades de Campo no Ensino das ciências e na educação ambiental: refletindo sobre as potencialidades desta estratégia na prática escolar. São Paulo. UNESP In: Ciência em Tela – Volume 2, Número 1.2009.

MENEZES FILHO, Paulo Ferreira de. A quinta de Glaziou. A aula – passeio como divulgação científica. 2010. 41f. Monografia (Especialização) – Casa de Oswaldo Cruz, Museu da Vida, Fundação Oswaldo Cruz.2010.

LLARENA, Marco Antônio Almeida. O estudo do Meio como uma alternativa metodológica para abordagem de problemas ambientais urbanos na educação básica. 2009.174f Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba. 2009.

SILVA, Aguinaldo Salomão. Educação Ambiental: Aspectos Teórico – Conceituais, Legais e Metodológicos. Juiz de Fora.v.1, n.2, p.45-61.2008.